

O elogio da produção

Economia - Brasil

04 SET 1991

Wagner Teixeira

Enquanto uma parte do País se avessa com pequenos, médios e grandes escândalos, os brasileiros estritamente ligados à produção não têm sequer tempo de extrair conclusões, pois os itens oferecidos a usuários e consumidores são de imediata necessidade. Não há vagar, em algumas camadas da população, para a intriga larvada e para o acompanhamento de episódios tão picarescos quanto lamentáveis.

É como se vivêssemos em dois países, simultaneamente: um, que moureja de sol a sol e é fiel cumpridor de suas obrigações; o outro, masoquista e espectador, faz-se testemunha excitada de algumas novelas de final imprevisível. E são histórias e mais histórias que não nos transmitem ânimo ou prazer; apenas recolocam alguns brasileiros na via sofrida descrença. A maledicência foi promovida a esporte nacional e quem de sua prática se distancia é considerado no mínimo um ser exótico.

A grande saga da humanidade demonstra claramente que foi a produção, a ânsia de construir e progredir, além da crença inabalável no futuro, que arremeteram nossos antecessores primevos em direção às paragens do progresso. Desde a primeira fogueira obtida por acaso ou por indústria, o homem percebeu que seu caminho era o de tentar sempre novas soluções, para criar horizontes para si e sua família.

A ciência e a tecnologia, as letras e as artes se desenvolveram sob a égide da vontade de produzir, por meio da inteligência aplicada, do talento dirigido ou do gênio liberado em seus caminhos iluminados.

No Brasil de nossos dias, os seres diligen-

CORREIO BRAZILENSE

tes do país que produz são incomodados pelos seus correspondentes do país que prefeira deter-se na apreciação de desvios de conduta. E estes desvios atingem a todas as camadas sociais, estendendo-se rapidamente como se isso ocorresse por uma sombria multiplicação celular. Já foi o tempo em que um trabalhador se orgulhava de ser eleito operário-padrão ou de ser apontado como exemplo para sua corporação. Quando isso acontece, um ou outro aceita a homenagem, mas há quem fique extremamente desconfiado de que estão lhe conferindo atestado de burro-mestre.

Com a inflação em alta e os costumes em baixa, nosso equilíbrio psíquico parece depender, no momento, dos brasileiros que acreditam naquilo que fazem e não se deixam abalar pelos últimos feitos de políticos desorientados ou de empresários que perderam a noção de sua responsabilidade social. E, na esteira deste raciocínio, mais que nunca é hora de fazer o elogio da produção. Salvam-nos do delírio céptico aqueles concidadãos que, nas fábricas, nas propriedades agrícolas, nos escritórios e nas universidades, perseguem os objetivos delineados, largando de mão as incríveis narrativas que são estampadas nos jornais e revistas, em detrimento de nossa imagem no exterior.

A grande coalizão que pode tirar-nos desta situação é a dos homens e das mulheres que produzem, desafiando o clima de derrotismo criado artificialmente pelos pessimistas. Se, apesar da inflação ascendente, o Governo e o Congresso souberem prestigiar os produtores de bens materiais e culturais, o País não irá à garra. Quem produz não precisa somente de leis favoráveis e crédito abundante. O respeito é bom e faz bem a todos nós.